

Jazz

6 de julho 2014

Ciclo "Jazz +351"

Comissário: Pedro Costa

Hugo Carvalhais Trio

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Contrabaixo Hugo Carvalhais Saxofone soprano Émile Parisien Bateria Mário Costa

Dom 6 de julho
21h30 · Pequeno Auditório · Duração: 1h · M3

Uma janela a abrir-se

O Hugo Carvalhais Trio que ora se apresenta já não é o núcleo propulsor que encontramos nos internacionalmente aplaudidos álbuns *Nebulosa* e *Partícula*, aquele em que encontramos o teclista Gabriel Pinto. Mário Costa e a sua bateria mantêm-se, mas agora o terceiro vértice é ocupado ora pelo saxofonista que nos habituámos a encontrar em muitos concertos e no segundo daqueles discos como convidado especial, Émile Parisien (que é o que vai acontecer nesta apresentação na Culturgest), ou por sopradores como Liudas Mockunas, que ouvimos ainda recentemente com os Free Moby Dick, ou Benjamin Dousteysseur.

O desaparecimento, na equação, desse instrumento harmónico de personalidade tão própria, o piano, e das cores extensivas proporcionadas pelo sintetizador, implica, necessariamente, uma mudança nos parâmetros sonoros a que Hugo Carvalhais nos habituou. Mas nem tanto quanto julgamos, a crer nas suas próprias palavras: «Sempre gostei de tocar na configuração de sax, contrabaixo e bateria, ainda que nos últimos anos me tenha dedicado mais ao trio com piano. No entanto, tive a oportunidade de me apresentar nesta formação por três vezes: com Parisien no Teatro Sá de Miranda, em Viana do Castelo, com Dousteysseur no Festival de Jazz de Mira e com Mockunas no Imaxina Sons, em Vigo, apenas uns dias antes desta atuação em Lisboa. É evidente que, do ponto de vista formal, existem diferenças, mas é isso

que é cativante: explorar os territórios que cada uma destas combinações pode proporcionar.»

De qualquer modo, acrescenta Carvalhais, o mais importante transfere-se de uma situação para outra: «Julgo que a minha música não se altera significativamente com tais adaptações, pois depende de fatores que se mantêm inalteráveis: o meu estilo compositivo, os cenários improvisacionais que se definem e as direções que transmito aos diferentes grupos. Haverá sempre a essência de um mesmo universo.»

A mudança de saxofonista no novo trio do compositor e contra baixista do Porto deve-se às suas respetivas, e muito preenchidas, agendas, mas são estes e não outros por preferência de Carvalhais, que sempre escolheu a dedo as suas companhias musicais – e daí a opção por Tim Berne como complemento saxofonístico logo na sua edição debutante. «É com eles que trabalho habitualmente porque, não obstante os seus estilos pessoais, têm uma abordagem compatível e em sintonia com o imaginário que projeto», explica o músico.

Tem-nos a todos em alta consideração: «O Émile, o Liudas e o Benjamin conciliam capacidades técnicas notáveis com expressionismo, que é precisamente o que me interessa. Dominam o sistema tonal com a mesma mestria com que tocam música totalmente livre. Além disso, num mundo cada vez mais superficial e imediato, têm uma dimensão de profundidade espiritual sem a qual a música para mim não teria sentido. Quanto à permanência

de Mário Costa... Bem, trata-se de um excelente improvisador e existe uma grande sintonia entre nós.»

Curiosamente, a estreia de Liudas Mockunas no universo musical de Hugo Carvalhais não se deu neste trio, mas num seu projeto paralelo, o Cryptic Quartet, que tem a particularidade de incluir ainda mais eletrónica do que os formatos Nebulosa e Partícula, fornecida pelos dispositivos modulares de João Ricardo, *aka* OCP. «Sim, é verdade. Para já, o quarteto é para rodar ao vivo, se bem que não exclua a hipótese de que venha a haver um disco. Nada existe ainda de planeado. A par de toda a história do jazz, sou um grande apreciador dos grandes exploradores e visionários da eletrónica do século XX no âmbito da música contemporânea, tais como Milton Babbitt, Ivo Malec, Varèse, etc. Nos meus dois discos nunca prescindi de utilizar electrónicas e manipulações. Senti, entretanto, a necessidade de abrir mais espaço a essa vertente, através do sintetizador analógico de OCP. O Cryptic Quartet funciona como um híbrido entre os universos da improvisação e da música exploratória.»

Já o trio com Émile Parisien é de orientação acústica, a não ser os eventuais efeitos acoplados ao contrabaixo. O que podemos esperar? «Uma amalgama de composições novas e fragmentos de temas anteriores, tenham estes surgido nos discos ou não, interpretados de forma sincrética», adianta, sem mais pormenores.

Apenas para o CD *Partícula*, e para os concertos dados com o repertório deste, os convites de Hugo Carvalhais

recaíram sobre um não-saxofonista: Dominique Pifarely e o seu violino, uma quinta voz sem paralelo em qualquer outra das suas incursões. Uma exceção à regra da sua preferência pela família dos saxofones. A inclusão de Pifarely explica-se de modo simples: «Durante a minha adolescência tropecei num disco fantástico, *Acoustic Quartet*, de liderança repartida pelo violinista com Louis Sclavis no saxofone soprano e no clarinete baixo. Nunca mais esqueci a sonoridade do Dominique, que para mim tem algo de onírico e encantatório. Devo confessar que sempre gostei muito de violino, sobretudo na música erudita.»

A oportunidade de ter Dominique Pifarely consigo surgiu, até, por acaso: «O Émile não podia participar num concerto na Casa da Música e pensei que aquela era uma excelente ocasião para experimentar a adição de um violino. As coisas correram otimamente e nessa altura percebi que tinha encontrado o violinista ideal para gravar connosco e alterar um pouco a minha perceção do que seria o *Partícula*: já só ouvia as inflexões de sax soprano.» Dito e feito: a crítica queria saber o que se sucederia a *Nebulosa*, edição que recebeu com indisfarçável assombro, e desfez-se em elogios ao novo *opus* de Carvalhais.

«O disco excede todas as minhas expectativas. É bom saber que nesta era de reprodução incessante de bens culturais e de glorificação da superficialidade ainda existe um pequeno espaço para quem não quer gravar por gravar, seguir modas ou enveredar por propostas lúdicas que possam ir ao encontro de um

público que, infelizmente, se habituou a ser entretido com frivolidades. Conclui também que a proveniência geográfica dos artistas não interfere na avaliação qualitativa das suas propostas», comenta, visivelmente agradado.

Mas porquê, realmente, toda a surpresa que o percurso de Hugo Carvalhais vem causando? «Talvez porque a produção jazzística portuguesa está ainda bastante devedora em diversidade, comparativamente às de outros países europeus, apesar de ter aumentado muito em quantidade e qualidade. Existem excelentes músicos, mas pouca variedade de estéticas. Todas as considerações que se fizeram ao *Nebulosa* deixaram-me muito feliz, porque a maioria dos autores das críticas que foram publicadas nos Estados Unidos e na Europa não fazia a mínima ideia de quem éramos. Não sabiam se em Portugal somos muito ou pouco conhecidos, se somos artistas prestigiados na nossa cena ou apenas ilustres desconhecidos. Foi uma análise objetiva e desapaixionada desse disco de estreia.»

Nebulosa agradou porque, se se tratava de um jazz não muito distante do *mainstream*, tinha uma frescura invulgar. A revista *online All About Jazz* chegou mesmo a comparar o título ao Herbie Hancock da fase *Maiden Voyage* e aos Weather Report do início. «Talvez seja lícito fazê-lo, mas sinto-me ligado a todas as correntes em geral e a nenhuma em particular. De facto, toda a nossa formação como músicos insere-se profundamente na tradição do jazz, pelo que é natural que estas estejam presentes de forma mais ou menos

notória. Embora não tivesse a intenção de me aproximar desta ou daquela tendência, também não foi algo que eu evitasse a todo o custo. Limitei-me a deixar decorrer o processo de composição e improvisação, de maneira que as coisas pudessem acontecer livremente. Gosto de sentir tudo como um livro em aberto», argumenta.

O que Carvalhais tem como certo é apenas o carácter desalinhado do que vier para a frente, e julga que tal resulta da sua condição de autodidata: «Todas as matérias quantificáveis que se podem aprender objetivamente estão por aí disponíveis, para toda a gente, em milhares de compêndios. Hoje em dia, muitos desses conteúdos encontram-se gratuitamente na Internet. Nada existe de estranho nisso. Todas as grandes figuras do jazz fizeram o seu próprio caminho. As suas vidas foram dedicadas ao estudo, à descoberta, à pesquisa e à performance. Muitos desses homens e mulheres aprenderam apenas alguns conhecimentos genéricos de música e as noções básicas dos seus respetivos instrumentos na escola, quando eram crianças ou adolescentes. Em variadíssimos casos nem isso aconteceu.»

Aliás, muitos dos músicos que admira não necessitaram de um mestrado ou de um doutoramento para apresentar os seus conceitos criativos. «A lista seria infindável: John Zorn, Charlie Haden, Robert Wyatt e muitos outros. Sempre procurei na música algo para além da teoria, aquilo que não se pode aprender, uma profundidade maior do que as puras frequências. O estudo académico da música nunca fez parte

dos meus planos. Enquanto autodidata por opção, acredito que as pessoas são o que são por mérito próprio e não se tornam excelentes fadistas ou improvisadores por decreto de uma instituição. Esta direção levou-me a percorrer um caminho que é o meu e que vou traçando dia-a-dia, e não o percurso dos programas curriculares, da norma ou do cânone vigentes.»

Hugo Carvalhais pensa, além disso, que «a grande explosão do ensino de jazz nos últimos anos advém mais das necessidades do mercado das universidades, das escolas e dos docentes do que propriamente daqueles que, aspirando a ser artistas, já o eram e não sabiam». Da mesma forma, não se sente alinhado com a cena do Porto, dado até o facto de esta ter nascido dos círculos académicos: «Nunca me identifiquei com o panorama musical português ou fosse de que cidade fosse. O curioso é que essa impressão geral de que não existíamos antes do lançamento de *Nebulosa*, artisticamente falando, também se fazia sentir aqui no Porto. É óbvio que a maioria dos músicos nos conhece, mas nunca fomos propriamente daqueles que aparecem nas *jam sessions* e que querem tocar com toda a gente e gravar o quanto antes, não interessa o quê.»

Se Carvalhais não frequentou aulas, ouviu muita música. «Sou um consumidor compulsivo de discos. Existe uma panóplia sem fim de coisas que me agradam e que, sem dúvida, exercem influência sobre mim. Os meus sons vêm de uma amálgama de idiomas e estilos aos quais me sinto ligado afetivamente. É-me impossível restringir essa lista a

duas ou três personalidades, mas posso indicar alguns nomes que me ocorrem neste momento: Eric Dolphy, Paul Motian, Tomasz Stanko, György Ligeti, Karlheinz Stockhausen, Giacinto Scelsi, Witold Lutoslawski, György Kurtág, Fred Frith, Zeena Parkins, Gentle Giant, Henry Cow, Matching Mole... As minhas referências não se limitam, no entanto, à música. Posso também referir Francis Bacon, Michelangelo Antonioni, David Lynch, Cy Twombly, Oscar Kokoschka e Akira Kurosawa como fontes de inspiração», concretiza.

A escrita deste contrabaixista tem algumas particularidades, como um vasto uso de espaços, ambiências misteriosas e uma tensão interior que nunca é resolvida, bem como um lirismo que não chega a ser demasiado emotivo, deixando que o ouvinte faça as suas próprias leituras. «Uma das coisas que busco nas minhas peças é uma relação orgânica entre composição espontânea e composição escrita, de maneira a que as duas se fundam numa unidade em que eu próprio e o público não saibamos onde começa uma e acaba a outra. Subscrevo a ideia do improvisador como um “compositor em tempo real”. Para mim, a improvisação é um método de composição e a composição é um método de improvisação. Como dizia Stravinsky: “Compor é improvisar com uma caneta.”»

Carvalhais tem igualmente um dos mais belos sons de contrabaixo em Portugal. Eis a história de como o obteve: «Certo dia, o Gabriel comprou um disco de um pianista chamado Bill Evans (*Trio 64*), nome que desconhecia-

mos. Tínhamos 16 ou 17 anos. Assim que ouvi o contrabaixista fiquei em estado de choque. Fui ver quem seria aquele Gary Peacock. A partir daí quis estudar contrabaixo. Foi uma decisão tomada num instante, mas mostrou-se irreversível. Mais tarde, percebi a função estrutural do contrabaixo na música e o seu carácter de sustentação no jazz. Mas não foi por isso que me apaixonei pelo instrumento, e sim pela sua vertente lírica e melódica. Entendo-o como algo de flexível e maleável e não exclusivamente como um marcador de tempo rígido e amovível. Embora seja um grande apreciador de todos os mestres, a minha maior inspiração é a árvore genealógica dos contrabaixistas melódicos e contrapontísticos, inaugurada por Scott LaFaro.»

Também se sente ligado a algumas abordagens mais abstraccionistas e experimentais, como as de Barre Phillips, Barry Guy e Peter Kowald. O que retém dos seus exemplos? «Bom, tudo aquilo que me permita tocar cada vez melhor, com a minha abordagem pessoal e as minhas soluções. Nunca procurei fazer música para demonstrar as capacidades instrumentais que possuo. Não são essas as questões que me movem.»

Pois comprovem da melhor forma: ouvindo. E para quem ainda não conhece as obras gravadas de Hugo Carvalhais, nada melhor do que um primeiro encontro ao vivo. Este que será, com certeza, como uma janela a abrir-se, juntando-se às outras que têm sido descerradas desde 2010, o ano em que se descobriu que o jazz português

tinha um novo representante. Inclusive, um dos melhores de sempre.

Rui Eduardo Paes

Crítico de música, ensaísta,
editor da revista *online jazz.pt*

Hugo Carvalhais

Nascido no Porto e com formação universitária em Belas Artes, foi como autodidata que Hugo Carvalhais entrou nos domínios do jazz. A frequência de seminários de Ron Carter, Eddie Gomez, Mario Pavone e Miroslav Vitous contribuiu para se ter tornado num dos mais interessantes contra-baixistas portugueses. Hugo trabalhou com músicos como Julian Argüelles, Tim Berne, Emile Parisien, Dominique Pifarély, Liudas Mockunas, Sheila Jordan, Jefferey Davis e Art Themen, entre outros.

Em paralelo, desenvolveu as suas capacidades como compositor, forjando uma identidade muito própria.

Em 2010 lança o seu primeiro disco como líder e em que participou o saxofonista Tim Berne. *Nebulosa* foi considerado um dos melhores álbuns do ano pela revista *Jazz.pt* e foi aclamado pela crítica nacional e internacional. O CD foi escolhido pela editora Clean Feed, por ocasião do seu 10.º aniversário, como um dos discos por ela editados mais representativos.

Em 2012 edita o seu segundo trabalho – *Partícula* – com os músicos com quem habitualmente toca (Gabriel Pinto, Mário Costa) e com a participação de Dominique Pifarély e Emile Parisien. *Partícula* foi designado um dos melhores discos de jazz do ano de 2012 pelo jornal *Público*, e por *Cuadernos de Jazz* (Espanha), *San Diego Reader* (EUA), *JazzWrap* (EUA), *Downtown Music Gallery* (EUA), *Otro Jazz Blog* (México), *Délire Actuel* (Canadá), *This is our music*

Blog (Canadá), *Percorsi musicali* (Itália), *Karl Lippegau* – *Süddeutsche Zeitung* (Alemanha), *Perfect Sounds* (Noruega) e *Rua de baixo* (Portugal).

Émile Parisien

Émile Parisien começou a estudar jazz aos 11 anos, no Collège de jazz de Marciac, onde teve como professores Pierre Boussagat, Guy Lafitte e Christian “Tonton” Salut.

A partir de 1996 aprofundou os seus estudos no Conservatório de Toulouse onde estudou também música clássica e música contemporânea. Durante esses anos teve ocasião de se apresentar, no Festival Jazz in Marciac, ao lado de grandes nomes como Wynton Marsalis, Christian McBride, Johnny Griffin ou Bobby Hutcherson.

Em 2000 instalou-se em Paris e fundou o seu próprio quarteto com Julien Toery (piano), Ivan Gélugne (contrabaixo) e Sylvain Darrifourcq (bateria). Com composições inspiradas por Hector Berlioz, Igor Stravinsky, Arnold Schönberg, Richard Wagner ou John Coltrane e Wayne Shorter, este quarteto deu um carácter expressionista à sua música dominada pela improvisação.

Émile Parisien atuou em França e noutros países com, por exemplo, músicos da nomeada de Michel Portal, Jacky Terrasson, Yaron Herman, Paco Séry, Rémi Vignolo, Manu Codjia, Anne Pacey, Daniel Humair, Jean-Paul Céléa, Vincet Peirani.

Tendo recebido numerosos prémios – Talent du Jazz du Fonds d’action Sacem

(2007, 2008 e 2009), Victoires du Jazz na categoria Revelação Instrumental Francesa do Ano (2009), laureado pelo programa Jazzmigration da Associação dos Festivais Inovadores de Jazz e Músicas Atuais (2009), Jazz Primeur por Culturesfrance, Prémio Django Reinhardt 2012 – gravou 5 CDs como líder, vários deles premiados pelas revistas da especialidade. O seu registo mais recente (2014) apresenta-o em duo com o acordeonista Vincent Peirani.

Desde 2000 que Émile Parisien tem estado nas vanguardas do jazz e da música improvisada, com solos incendiários que desde sempre o fizeram sobressair da nova geração do jazz francês. É membro regular das formações de Daniel Humair.

Mário Costa

Estudou jazz na portuense ESMAE e é líder do seu próprio grupo, Homo Sapiens, para além de surgir em outros projetos. A sua atividade musical tem transcendido o âmbito do jazz, sendo, por exemplo, acompanhante da fadista Ana Moura. Preza os fatores “simplicidade”, “energia” e “caos” e a sua abordagem baterística caracteriza-se por incluir a melodia, na boa tradição de Max Roach. Foi o vencedor da edição de 2008 da Yamaha Drum Sessions.

Møster, Edwards, Knedal Andersen

Ciclo “Isto é Jazz?”

Comissário: Pedro Costa

Jazz Sáb 6 de setembro

Pequeno Auditório · 21h30 · Dur. 1h · M3



Saxofone tenor e clarinete Kjetil Møster

Contrabaixo John Edwards

Bateria Erik Knedal Andersen

Kjetil Møster, Erik Knedal Andersen e John Edwards partilham a mesma multifacetada postura musical que os levou a realizar trabalho nos campos do rock alternativo, do *noise* e da eletroacústica experimental, mas o que os une neste novo trio é um regresso às bases da própria liberdade criativa. Estas estão, para eles, em algo que se situa entre o legado do *free jazz* e aquela prática da improvisação a que já se chamou “não-idiomática”. O que quer dizer que fazem uma música de grande intensidade e com estruturas abertas, lidando diretamente com os princípios da espontaneidade, da intuição e da igualdade de papéis e responsabilidades num projeto cooperativo. Uma música sem concessões, arrebatadora e orgânica que ou se ama ou se odeia, sem meios-termos.

Saxofonista e clarinetista com formação realizada no Trondheim Musikkonservatorium, Møster começou por se fazer notado no grupo de

rock eletrónico Datarock e depois em formações de jazz como The Core, Zanussi 5, Ultralyd e Crimetime Orchestra. Experiências nas áreas da música contemporânea, do *free rock* e do *noise* mais extremo completam igualmente o seu currículo.

Um dos grandes virtuosos do contrabaixo na atualidade, Edwards foi um dos pilares da banda de *metal-dub-noise-jazz* GOD e dos estranhos B-Shop for the Poor, para além de colaborar com o mestre do *sampling* John Wall, os pós-modernos Spring Heel Jack e o líder dos This Heat, Charles Hayward. Hoje encontramos-lo com os improvisadores Evan Parker, John Butcher, Vervan Weston e Phil Minton.

Knedal Andersen é um baterista hiperativo e bombástico, seguindo mais a linha de um Han Bennink do que a do seu conterrâneo Paal Nilssen-Love. Integra os grupos Saka e Akode e colaborou com os *noise-makers* Lasse Marhaug e Maja Ratkje, mas também com os mais detalhísticos Axel Dorner e Thomas Lehn.

Conselho de Administração

Presidente

Álvaro do Nascimento

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores

Dança

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Serviço Educativo

Raquel dos Santos Arada

Pietra Fraga

Alice Neiva

Estagiária:

Teresa Vaz

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso

de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Atividades Comerciais

Catarina Carmona

Patrícia Blázquez

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

Direção Técnica

Paulo Prata Ramos

Direção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Assistente de Direção Cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino

(coordenador)

Paulo Abrantes

Ricardo Guerreiro

Suse Fernandes

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo (chefe)

Vítor Pinto

Maquinaria de Cena

Nuno Alves (chefe)

Artur Brandão

Técnico Auxiliar

Vasco Branco

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

Receção

Sofia Fernandes

Ana Luísa Jacinto

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Coleção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Inês Costa Dias

Maria Manuel Conceição

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 · Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt

Culturgest, uma casa do mundo
